Permanecendo com o babado: pesquisando distopias no fim dos tempos

Staying with the "trouble": researching dystopias at the end of the world

Henrique Rodrigues Marques[1] (UNICAMP)

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre o processo de pesquisar cinema, arte e cultura em tempos de desastre do Antropoceno. Partindo de uma pesquisa sobre ficção especulativa no cinema *queer* brasileiro contemporâneo, construo um pensamento tentacular, através da criação de parentesco interdisciplinar entre diferentes conceitos como Chthuluceno (Haraway), fracasso (Halberstam), bolsa da ficção (Le Guin) vernáculos políticos (Macharia) e futuridade *queer* (Muñoz).
Palavras-chave: distopia; chthuluceno; cinema brasileiro; teoria queer; ficção especulativa.

Abstract: *This article proposes a reflection on the act of researching Cinema, Art and Culture in times of disaster in the Anthropocene. Starting from a research on speculative fiction in contemporary Brazilian queer cinema, I propose a tentacular thought through the creation of interdisciplinary kinship between different concepts such as Chthulucene (Haraway), failure (Halberstam), carrier bag theory of fiction (Le Guin) political vernaculars (Macharia) and queer futurity (Muñoz).*
Keywords*: dystopia; chthulucene; brazilian cinema; queer theory; speculative fiction.*

DOI: https://doi.org/10.47456/rf6a1a05

O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0

[1] Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Multimeios, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desempenhando pesquisa sobre representações e memória do HIV/Aids no cinema brasileiro. Mestre pela mesma instituição como bolsista CAPES. ID ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2617-8045. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0370665687836623.

> Toda história é sobre verdade. Você! Pode me dizer o que é verdade? Essa família global, unida, adorando seu grande líder. É a verdade? Seitas, cultos, transes, festas. Eu não tenho nada em comum com nenhum deles. A dita resistência então, que acaba sendo tão dogmática quanto o que luta contra. E quem arruma tudo depois da guerra? Quem conserta o mundo depois do caos? Que se dane a jornada do herói. Os fanáticos fazem mais sentido. Quando o mundo acabar e não tiver ninguém para limpar toda a besteira... não! Quando o mundo acabar, eu quero estar lá para ver.
>
> (Narradora, no filme "A Besta Pop")

Introdução

No início de 2018, ingressei no mestrado com o objetivo de investigar distopias em obras *queer* de ficção especulativa do cinema brasileiro contemporâneo. Conforme a pesquisa avançava, a realidade parecia se aproximar cada vez mais dos universos especulados das constelações fílmicas que compunham o meu *corpus*. Eleição de Bolsonaro, pandemia da COVID-19, cortes na pesquisa acadêmica, virulenta rejeição popular a arte e cultura, incêndios literais e simbólicos que consumiam tudo, do Pantanal a Cinemateca Brasileira.

Ao passo que os eventos ao meu redor contaminavam a escrita da dissertação com seus próprios resíduos distópicos, o processo de escrita também se converteu em uma deriva especulativa em busca de uma melhor maneira de se estar no presente. Assim, este artigo busca refletir sobre o gesto de se pesquisar arte e cultura em um período de crise do Antropoceno. Para tanto, parto da minha experiência pessoal como pesquisador para, posteriormente, especular soluções coletivas através do diálogo interdisciplinar com conceitos propostos por diferentes teóricos, como Donna Haraway, Keguro Macharia e José Esteban Muñoz.

Uma distopia toda minha

> então se liga: nós somos
> seu
> apocalipse
> kuir, y vamo destruir
> tudo que vc ama, seus ideais de
> "civilização", "cultura erudita",
> "amor pela liberdade",
> "justiça"
> isso que não passa de liberalismo,
> galerismo burguês,
> política racializada de
> encarceramento, epistemicídio,
> genocídio colonial: quer matar tudo
> que ri, tudo que goza, tudo
> que dança,
> tudo que luta.
> quer matar a gente.
> mas a gente, que nem semente daninha,
> vinga, se espalha, sobre
> vive!
> (Tatiana Nascimento, no poema "07 notas sobre o apocalipse, ou, daria um poema esqueersito, essa revolução")

Quando imaginamos o que é uma distopia, imaginamos um contexto político-social radicalmente autoritário, mas que impõe seu sofrimento de maneira democrática. Quando o fim dos tempos chegar, quando a civilização ruir, quando o mundo colapsar, o apocalipse descerá de uma só vez sobre todas as pessoas. Essa noção igualitária da distopia é o que marca boa parte das obras de ficção especulativa desde o século XX. Do clássico "1984" (Orwell, 1949) ao seriado "*Black Mirror*", o imaginário popular está abarrotado de textos que propõem o distópico como um pavor universal.

Embora seja verdade que todas as pessoas temam viver em um regime distópico, esse temor, como costuma ser com todas as coisas, perpassa por diferentes subjetividades. No ensaio "Utopia, distopia e história", o professor de História Literária Carlos Eduardo Ornelas Berriel define que "a distopia busca colocar-se em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às

sociedades perversas" (2005, pp. 6-7). E aqui reside um grande problema: quais são as tendências negativas do presente? O que configura uma sociedade perversa? Berriel afirma que a distopia nasce da própria ideia de utopia, sendo ambas estreitamente conectadas, e que uma sempre carrega elementos da outra. "A utopia pode ser distópica se não forem compartilhados os pressupostos essenciais, ou utópica a distopia, se a deformação caricatural da realidade não for aceita" (Berriel, 2005, p. 5). Assim, a dualidade utopia/distopia carrega em si a impossibilidade do consenso. Para alguém, o distópico é Pabllo Vittar cantando no Domingão do Faustão e não torturadores sendo celebrados por políticos eleitos democraticamente. A noção de perversão responde a valores morais que não se aplicam de maneira uniforme.

Existem os que sonham com o retorno de ditaduras-militares, os que assistem "*The Handmaid's Tale*" e enxergam o mundo como ele deveria ser, aqueles que votariam a favor de um governo teocrático, os que querem fazer a América ser *great* de novo e até quem milite pela instituição de um regime monárquico no Brasil. O que não se coloca em questão quando, imaginamos o mundo em que gostaríamos de viver, é que todo projeto de utopia culminaria na distopia para certos grupos. Assim como muitos de nós temem a ascensão do fascismo, outros acreditam que Judith Butler vai destruir o futuro das crianças. E existe uma utopia possível para a convivência entre ambos?

Os eventos, mundiais e regionais, que acompanhamos ao longo dos últimos anos, minaram a fantasia de quem encarava o progresso como uma curva que, inevitavelmente, sobe para o bem de todos. E ao despertar de tal ilusão, o baque: a concepção que se tinha de um mundo justo e igualitário, de respeito aos direitos humanos, de preservação do meio ambiente, de bem-estar social, é justamente a distopia que muitos se empenhariam em combater. Mas, essa compreensão pode ser uma surpresa apenas para grupos que gozavam do privilégio de acreditar que a distopia é um futuro hipotético a ser evitado. Para pessoas indígenas, negras, *queer*, trans, refugiadas, mulheres, o mundo já acabou muitas

vezes e segue acabando todos os dias. A distopia que aconteceu com a chegada de caravelas alienígenas, com a vigilância autoritária de corpos e práticas sexuais, com o surgimento de navios que abduziam pessoas e levavam para um planeta além-mar. Como resume Rodrigo Almeida, para grupos minoritários "o fim do mundo é uma experiência perene de vida. Longe dos sonhos, no mundo real, tais grupos são os verdadeiros sobreviventes" (Almeida, 2017, p. 15).

Para sujeitos *queer* que acreditam no potencial revolucionário da sexualidade radical, o próprio progressismo possui sua carga de distopia. Em um movimento que celebra a liberdade de gêneros e sexualidades dentro da comunidade LGBT, é assustador perceber o assimilacionismo crescente como postura ativista vigente. Como em um filme de horror, assistimos atônitos nossas irmãs e irmãos lutando por fazer parte dos sistemas estruturais que nos oprimem e que, outrora, desejávamos superar. Como relata Maggie Nelson,

> Há algo mesmo estranho em viver num momento histórico em que a ansiedade e o desespero conservador de que os queers vão destruir a civilização e suas instituições (o casamento, mais notadamente) são contrapostos pela ansiedade e pelo desespero que tantos queers sentem sobre o fracasso ou a incapacidade da condição queer de derrubar a civilização e suas instituições, e sua frustração com a tendência assimilacionista e irrefletidamente neoliberal do movimento LGBTQ+ predominante, que já gastou uma boa grana implorando a entrada em duas estruturas historicamente repressoras: o casamento e as forças armadas. (Nelson, 2017, p. 31)

Alinhar-se a políticas *queer* dentro da comunidade LGBT contemporânea provoca uma melancolia quixotesca. Somos meio Grizabella, a "gata glamourosa" do musical "Cats", que em realidade vive decadente, uma velha excêntrica vivendo de glórias do passado; meio Cassandra, elucubrando profecias e riscos, mas sempre desacreditadas e agonizando na praça pública da homonormatividade.

Em uma leitura mais simbólica, o próprio ato de pesquisar cinema, por sua vez, carrega também suas distopias particulares. Nascida na virada

do revolucionário século XX, a caçula das sete artes passou por muitos apocalipses ao longo de sua curta história. O advento do som representou o fim do mundo para muitas estrelas do cinema mudo, o barateamento da captação digital decretou o apogeu da filmagem em película, a popularização dos serviços de *streaming* colocou em risco as salas de cinema. A cada nova tecnologia ou transformação cultural, um novo pânico de que o cinema deixaria de existir. Já foram muitos os arautos que declararam a sua morte. Pergunto-me às vezes se a pintura também foi a falecimento com a emergência da fotografia, ou se algum teórico decretou o assassinato da arquitetura pelo contágio de prédios espelhados. Será que a fantasmagoria da morte assombra somente o cinema?

Gregg Araki, o cineasta *queer* que indiscutivelmente mais refletiu sobre as ansiedades do apocalipse, em "Kaboom" (2010), traz um protagonista que nos conta que estudar cinema é um tanto anacrônico, já que existe uma incerteza real sobre se o cinema como conhecemos sequer vai continuar existindo dentro dos próximos anos. "É como devotar sua vida inteira ao estudo de um animal que está à beira da extinção", resume. Dez anos após o lançamento do filme, o cinema se encontrou mais uma vez ameaçado. Em função da pandemia, salas de cinema fecharam e festivais tiveram que migrar para o espaço virtual. Enquanto muitos acreditavam que esse é um momento extraordinário, outros falavam em um novo normal, preparando-se para um mundo onde nossa relação com o cinema será outra.

No mês de setembro de 2020, em uma fala apresentada de forma remota no evento online Filmes pelo Avesso – Fórum Curatorial, promovido pela conferência *Besides the Screens*, a pesquisadora e curadora Lila Foster propôs uma reflexão sobre as questões de efemeridade no cinema.[2] Como não poderia deixar de ser, em tempos pandêmicos, sua fala é permeada pelos efeitos da pandemia, das decisões governamentais, do estado das coisas. "Morte e cinema caminham sempre juntos? Não é o

[2] Disponível em: https://youtu.be/Uso5R8s4eV4. Acesso em: 5 out. 2024.

cinema, afinal, que confere a eternidade a um semblante? Será que eu tenho pensado demais na morte?" (Foster, 2020).[3] O cinema é um monstro, uma criatura mágica, mitológica, folclórica, cuja lenda reza a maldição que vaticina que ele está fadado a sempre morrer e ressuscitar, por toda a eternidade. Menos como uma fênix que queima e renasce gloriosa da matéria de suas próprias cinzas, e mais como um zumbi que, mesmo após ataques violentos, retorna a vida repentinamente, sem que se entenda completamente essa ressurreição ou quantas vezes mais ela pode acontecer. "As mortes do cinema também são efêmeras e estão em eterna transmutação" (Foster, 2020).

Desempenhar uma pesquisa acadêmica sobre distopia por uma perspectiva *queer* no campo do cinema no Brasil ao longo dos últimos anos foi, muitas vezes, um exercício autoprofético e cruel. Um medo paralisante, frustração e impotência a cada nova notícia sobre cortes na educação e desmontes da nossa prematura indústria cinematográfica. Por que pesquisar cinema em um país que renega sua Cinemateca? Como pesquisar sexualidade e gênero enquanto deputadas, que se proclamam professoras, perseguem trabalhos na área? De que vale refletir sobre distopias enquanto o pantanal queima e um vírus letal acumula milhares de vítimas?

Nos momentos mais difíceis, encontrei alento nas palavras de Donna Haraway, que viralizaram nas redes sociais no período das eleições de 2018. Quando questionada em um evento *online* sobre o que estava acontecendo no Brasil, Haraway especulou

> Eu acho que nós sobreviveremos nesses tempos por meio de um modo feroz de contar histórias, por meio de uma resistência feroz, da política, de um tipo de recusa a ir embora, do reconhecimento de que isso aconteceu antes, muitas vezes, e está acontecendo de novo, e de que nós simplesmente nos recusamos a ir embora. Que nós somos uns (com) os outros, que realmente podemos, e devemos apelar uns aos outros para termos força, o que inclui força e luto, cuidando das feridas de cada um. Eu, de certo modo, fui extraordinariamente ingênua, eu realmente não acreditava que fosse possível que as

[3] A apresentação foi posteriormente publicada como ensaio no portal Cine Festivais.

> coisas desmoronassem de modo tão rápido, tão amplamente e de um jeito tão difícil, mas é a ingenuidade dos privilegiados, e eu acho que muitas pessoas neste planeta sabem de fato muito bem que manter a vitalidade uns com os outros está se tornando incrivelmente difícil, e de que se não continuarmos a cultivar a capacidade de rir e brincar uns com os outros, aí sim nós perderemos realmente. Insistir na criação de vitalidades, apesar dos novos tipos de opressão. Que não fomos derrotados, que não iremos embora. E contar histórias é uma das nossas capacidades mais preciosas. (Haraway, 2020)

Minha maneira de sobreviver e não me declarar derrotado foi construir uma pesquisa sobre maneiras ferozes de contar histórias, imaginar alternativas, especular presentes possíveis; refletindo filmes que, mesmo em contextos de extrema adversidade, não se privam de criar imagens de vitalidade, de comunidades que riem e brincam e que festejam quando as declaram derrotadas. A escritora Ursula K. Le Guin, em sua "teoria bolsa da ficção", aponta o estatuto da ficção científica enquanto mitologia da Tecnologia Moderna. "A ficção que personifica este mito foi e será triunfante, pois o homem conquista a terra, o espaço, os alienígenas, a morte, o futuro, etc.; assim como também é trágico pois sempre ocorre um apocalipse, um holocausto, se não depois do 'triunfo' é antes dele" (Le Guin, 2021). Se a distopia representa um fim, ela representa também o potencial para recomeços, nem que seja um novo modo de viver ou de fazer política. Almeida nos lembra que "a distopia não é o fim do mundo, não o fim de qualquer mundo, mas o fim de um mundo como conhecemos, como nos acostumamos a conceber" (2017, p. 10). E o mundo que estamos acostumados não é o mesmo marcado pelo sexismo, lgbtfobia, racismo e demais injustiças que desejamos combater? Em "*Staying with the Trouble*" (2016), Donna Haraway constrói uma crítica provocativa ao que se convencionou chamar de Antropoceno. Para a autora, tempos tão transformativos e de urgência multiespécies, não podem ser reduzidos a espécie humana (Haraway, 2016, p. 31), já que o excepcionalismo humano é, atualmente, "verdadeiramente impensável"; ou seja, uma categoria indisponível para "se pensar com"

(2016, p. 57). Em contraposição tanto ao Antropoceno quanto ao Capitaloceno, Haraway propõe um pensamento tentacular, que ela batiza como Chthuluceno, configurado por um presente espesso, "onde ainda é possível – por muito pouco – jogar um jogo SF[4] muito melhor, em uma colaboração modesta com todos que fazem parte desse imbróglio" (2023, p. 106). Como resume ela,

> O Chthuluceno ainda inacabado deve recolher o lixo do Antropoceno e o extermínio do Capitaloceno, picotando, triturando e estratificando como um jardineiro louco, para formar uma pilha de composto muito mais quente para passados, presentes e futuros ainda possíveis. (Haraway, 2023, p. 107)

Apoiado em Haraway, tento me apegar à visão que Virginie Despentes compartilha na carta-prefácio que escreveu para Paul Preciado, em "Um apartamento em Urano" (2020): uma vontade de acreditar que estamos vivendo os últimos espasmos de um conservadorismo que morre lentamente e definha de maneira barulhenta, e de sonhar com o futuro proposto por ela, no qual as crianças nascidas neste milênio lerão e amarão as palavras e propostas de Preciado. Essa é uma fabulação especulativa bonita de acreditar. Talvez, no terreno árido que é o tempo presente, esteja plantada a semente daninha do apocalipse kuir descrito pela poeta tatiana nascimento, na epígrafe que abre esse texto. O que proponho, nas páginas de minha pesquisa (2021, 2022) é uma captura *queer* da distopia, através de imagens rebeldes e ferozes que os filmes analisados criam através das histórias que contam. O mundo já acabou muitas vezes e segue acabando todos os dias. Para nós, o distópico sempre foi a lei. Ele nos cerca por todos os lados, penetra nossos corpos, nossos afetos, nossas camas. Quando o apocalipse chegar, talvez não tenhamos tanto a perder. Não obstante, nos recusamos a partir e seguimos dançando.

[4] Ao longo do livro, Haraway utiliza a sigla SF para descrever simultaneamente uma gama de significados. Como indica a Nota da Tradução da versão em português, a sigla representa: *science fiction* [ficção científica], *speculative fabulation* [fabulação especulativa], *string figures* [figuras de barbante], *speculative feminism* [feminismo especulativo], *science fact* [fato científico] e *so far* [até agora]. (2023, p. 15)

Por um babado que seja nosso

> No escuro, os dois:
> - Não há futuro?
> - Há. Não para nós.
> - Só há presente?
> - Para nós, nem isso.
> - Por isso a arte em troca do amor?
> - Se amor houver, Criança, te digo.
> (Uirá dos Reis, no poema "O herói das ruas")

Em um ensaio conduzido por tantos movimentos de idas e vindas, de borrar fronteiras, de relocar conceitos e tensionar definições, gostaria de encerrar essa reflexão com algum senso de ciclicidade. Batizei minha dissertação com os nomes "Distopia & Babado". Em um primeiro momento, por gostar da ideia de justapor um termo muito estimado pela ficção científica a outro tão representativo das vivências *queer* no Brasil. Gostei também do jogo de palavras criado com o documentário "Utopia e Barbárie" (Silvio Tendler, 2009). Se a Utopia deu lugar a Distopia, é um gesto bonito que o Babado reivindique o lugar da Barbárie. Em uma reação irmã, João Carlos Salles, reitor da Universidade Federal da Bahia, ressignificou o termo pejorativo balbúrdia, após ataques do então Ministro da Educação. "A nossa universidade pode ser espaço de balbúrdia, porque ela nunca será o espaço da barbárie". E em uma balbúrdia *queer*, o babado é garantido.

Pajubá (ou bajubá) é o nome dado ao dialeto usado como comunicação secreta por pessoas LGBT, especialmente travestis e mulheres trans, pessoas em situação de prostituição e LGBTs periféricas; tema bastante estudado pela antropologia, em trabalhos de pesquisadores como de Néstor Perlongher (1987) e de Larissa Pelúcio (2005). Formada por uma série de gírias que mesclam influências que vão do iorubá ao francês, essa linguagem é, há décadas, um símbolo da resistência, do deboche e do desbunde *queer* brasileiro. Com um léxico em constante renovação, o pajubá é uma cultura de transmissão oral, uma ancestralidade que demanda o gesto da ficção especulativa, de contar histórias para se manter vivo. Em 2018, o pajubá ganhou exacerbada atenção midiática

por ter figurado em uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A pergunta, que era sobre interpretação de texto e não envolvia conhecimentos sobre pajubá, causou a fúria de Jair Bolsonaro, que acusou os responsáveis da prova de pregarem "ideologia de gênero", ensinando coisa que a molecada não deveria aprender, coisa sem importância, "que não dá futuro". "Esta prova do Enem – vão falar que eu estou implicando, pelo amor de Deus –, este tema da linguagem particular daquelas pessoas, o que temos a ver com isso, meu Deus do céu? Quando a gente vai ver a tradução daquelas palavras, um absurdo, um absurdo!" (Bolsonaro *apud* Rodrigues; Oliveira, 2018).

O termo babado, um dos mais polissêmicos do pajubá, traduz muitos "absurdos". A depender do contexto, babado pode significar novidade, fofoca, um acontecimento qualquer, confusão, briga, uma coisa qualquer, caso amoroso, algo maravilhoso, uma prática ilícita, uma relação sexual. Só quem é do babado é capaz de compreender de que babado é que você está falando quando você diz "babado". Assim, o termo pode ser usado tanto para elogiar e celebrar algo quanto para descrever uma situação desagradável. Essa polivalência da palavra contempla bem a essência do pajubá como um dialeto que exige muito conhecimento de seus interlocutores. Precisa ser muito entendida para captar as nuances de que se trata um babado.

Os filmes que abordei em minha pesquisa (Marques, 2021a; 2021b; 2022a; 2022b) também carregam esses valores polarizados. Ao mesmo tempo em que eles reconhecem a gravidade das situações, os pesadelos distópicos e as violências oriundas de tais contextos, não deixam de trazer um olhar irônico, debochado e festivo para o modo como os temas são abordados, sem que isso represente uma postura cínica ou derrotista. Nesses filmes, o babado, como sensibilidade, se manifesta em toda sua glória diversa e divergente. De diferentes maneiras, essas constelações do cinema *queer* brasileiro se alinham as propostas de Jack Halberstam, em sua busca por "formas alternativas de saberes e de ser que não são excessivamente otimistas, mas que também não estão

atoladas em impasses críticos niilistas" (2020, p. 50). Por essa razão, acredito que o babado pode ser revestido por mais um significado, trazendo a noção direta de resistência, de uma alternativa política, como as formulada por Halberstam.

"*Staying with the Trouble*", foi provavelmente a influência que mais me acompanhou durante os anos de pesquisa. As reflexões de Haraway sobre modos de sobreviver, viver e criar comunidades em um mundo que está morrendo, através do contar histórias de ficção especulativa como metodologia científica, serviram como uma guia onipresente para o processo de escrita e de contemplação das constelações fílmicas. Logo em seu primeiro parágrafo, Haraway sintetiza o potencial ativista que reconheço na produção *queer* brasileira recente. Durante a maior parte do meu período de pesquisa, o livro ainda se encontrava sem publicação no Brasil, e seu título não possuía uma tradução oficial para o português. Em 2023, foi finalmente publicado pela editora N-1 com o título "Ficar com o problema". Porém, em minha tradução livre, propus, como uma subversão *queer*, que o título em português seja "Permanecer com o Babado".

> [Babado] *Trouble*, é uma palavra interessante. Ela deriva de um verbo francês do século XIII que significa "agitar", "deixar nebuloso", "perturbar". Nós — todos nós aqui na Terra — vivemos em tempos perturbadores, tempos confusos, tempos babadeiros e turvos. A tarefa é se tornar capaz, uns com os outros em todos nossos tipos presunçosos, de reagir. Tempos confusos são inundados tanto por dor como por alegria — com padrões substancialmente injustos de dor e alegria, com o extermínio do que estava em andamento, mas também com necessário ressurgimento. A tarefa é criar parentescos em linhas de conexões inventivas enquanto uma prática da ciência de se viver e morrer bem uns com os outros em um presente denso. Nossa tarefa é criar o *babado*, agitar respostas potentes a eventos devastadores, assim como acalmar águas turbulentas e reconstruir lugares calmos. Em tempos urgentes, muitos de nós ficamos tentados a lidar com o babado em termos de se criar um imaginado futuro seguro, de se impedir que algo aconteça e ameace o futuro, de se limpar o presente e o passado pelo objetivo de se criar futuros para as próximas gerações. A permanência com o babado (*Staying with the trouble)* não exige tal

> relacionamento com os tempos chamados de futuro. Na verdade, a permanência na desordem requer o aprendizado de se manter verdadeiramente presente, não como um eixo evanescente entre passados terríveis ou edênicos e futuros apocalípticos ou redentores, mas como bichos mortais entrelaçados em miríades inacabadas de configurações de lugares, tempos, corpos, significados. (Haraway, 2016, p. 1, tradução nossa)[5]

Escolhi abordar a ficção especulativa no cinema *queer* brasileiro contemporâneo em termos de "cinema ativista" por reconhecer nesses filmes uma consonância com as propostas de Haraway. As nossas premissas de política, engajamento e ativismo são constantemente mediadas pela promessa do futuro. As lutas contra as injustiças de hoje, construindo o mundo melhor do amanhã. Nos filmes que analisei nos artigos supracitados, percebo um ativismo que vai na contramão dessa busca pelo futuro seguro e, portanto, utópico. Assim como Haraway, esses filmes nos ensinam a estar verdadeiramente presentes, a encontrar alternativas de ser e estar uns com os outros em um mundo em colapso. Em vez do ativismo, que tem a convicção de que todos os problemas passam, que todas as adversidades do presente serão superadas, que regimes distópicos sempre são fadados a sucumbir e o futuro reprodutor é necessariamente um período auspicioso, esses filmes constroem discursos ativistas voltados a pensar modos de se existir em um constante agora, um presente denso que nos cerca por todos os lados. São filmes que apontam para um modo tentacular de estar na Terra, em

[5] Do original: "*Trouble is an interesting word. It derives from a thirteenth-century French verb meaning 'to stir up,' 'to make cloudy,' 'to disturb.' We – all of us on Terra – live in disturbing times, mixed-up times, troubling and turbid times. The task is to become capable, with each other in all of our bumptious kinds, of response. Mixed-up times are overflowing with both pain and joy—with vastly unjust patterns of pain and joy, with unnecessary killing of ongoingness but also with necessary resurgence. The task is to make kin in lines of inventive connection as a practice of learning to live and die well with each other in a thick present. Our task is to make trouble, to stir up potent response to devastating events, as well as to settle troubled waters and rebuild quiet places. In urgent times, many of us are tempted to address trouble in terms of making an imagined future safe, of stopping something from happening that looms in the future, of clearing away the present and the past in order to make futures for coming generations. Staying with the trouble does not require such a relationship to times called the future. In fact, staying with the trouble requires learning to be truly present, not as a vanishing pivot between awful or edenic pasts and apocalyptic or salvific futures, but as mortal critters entwined in myriad unfinished configurations of places, times, matters, meanings.*"

busca de pensar/fazer mundos mais vivíveis, que Haraway denomina como Chthuluceno (2016, p. 98).

Em sua reflexão sobre vernáculos políticos, o teórico *queer* Keguro Macharia defende que os vernáculos exercem um poder disciplinatório, pois, além de controlar as discussões políticas, criam circuitos fechados onde não sobra espaço para persuasão. O autor usa como exemplo as discussões políticas no Quênia, mas isso se aplica ao Brasil. Quando, em uma discussão, proclamamos vernáculos políticos como corrupção, antipetismo, ditadura, Marielle Franco, desenvolvimento, privatização, populismo e mamadeira de piroca, "as posições já estão estabelecidas, argumentos já estão preparados e as emoções já estão dispostas" (Macharia, 2016, tradução nossa).[6] Como reconhece Macharia, esses vernáculos acionam discursos que sempre se voltam para a demanda essencialista e simplista que dita que as coisas boas devem continuar e as ruins precisam acabar. "O indivíduo é incapaz de imaginar além da coisa que precisa ser interrompida. Não existe um 'depois' da corrupção. E essa incapacidade de imaginar um 'depois' faz da cessação a única demanda possível, o único jeito de se imaginar um futuro." (Macharia, 2016, tradução nossa).[7]

O teórico conclui que os vernáculos políticos reduzem o pensamento a um exercício de repetições que, malgrado suas ambições, é incapaz de produzir futuros. Em sua defesa de um vernáculo político capaz de construir coletividades, criar mundos compartilháveis, nomear injustiças e lutar contra elas, Macharia faz a proposta radical de que liberdade e amor se convertam em vernáculos políticos. Se, em um primeiro momento, sua sugestão pode parecer pueril, supérflua e até mesmo despolitizada, ela se demonstra bastante instigante quando ele coloca que

> Nós devemos ser capazes de imaginar de maneiras muito concretas como seria um mundo focado em liberdade e amor.

[6] Do original: "*the positions are already established, arguments in place, and emotions already arranged.*"
[7] Do original: "*One is unable to imagine beyond the thing that must be stopped. There is no 'after' corruption. And this inability to imagine an 'after' makes cessation the only possible demand, the only way to imagine a future.*"

> Em sua simultaneidade, liberdade e amor existem para além do que o estado pode controlar. Eles levam nossas imaginações para outras direções. Se opondo a guerra do estado contra a liberdade – já que a liberdade não pode ser absoluta – nós podemos imaginar liberdade não como um direito de desobedecer, mas um jeito de estar coletivamente: sua liberdade aumenta a minha. O amor se torna central para que imaginemos a liberdade nesses termos. Nós podemos imaginar a liberdade fora dos protocolos internacionais que tentam definir e restringir os sentidos e práticas da liberdade. Nós podemos imaginar como seriam vidas devotadas a buscar e experienciar liberdade e amor. (Macharia, 2016, tradução nossa)[8]

Em um movimento contínuo, as propostas de Macharia fortalecem as de Haraway sobre permanecer com o problema, as de remodelar nossa relação com o fracasso de Halberstam (2020), as de futuridade *queer* e utopia de Muñoz (2019). A revolução *queer* é guiada não pelo sonho de manutenção do futuro reprodutor, mas pelo gesto de imaginar liberdade no presente.

O fio que amarra os filmes *queer* que apresentei nas constelações desenhadas ao longo da pesquisa é o ato de imaginar essa tal liberdade. Seja através de encontros de sexo casuais em lugares públicos, da aceitação de nossos desejos perversos, da prática hedonista, da criação de heterotopias. Essa liberdade que se faz presente na festa de uma seita que luta pelo direito de sonhar, na mãe que não quer deixar seu filho monstro com fome, no casal de anti-heróis que escolhe viver malgrado o período de trevas que os cerca. As multidões que habitam o cinema *queer* brasileiro contemporâneo não se iludem com fantasias de mudanças revolucionárias, mas, negando o otimismo e o niilismo na mesma medida, compreendem que a distopia cria brechas e lacunas, nas quais as possibilidades por alternativas são encontradas. Fazem um uso

[8] Do original: "*We must be able to imagine in very concrete ways what a world focused on freedom and love would be like. In their simultaneity, freedom and love exist beyond what the state can tether. They push our imaginations in other directions. Against the state's war against freedom – since freedom cannot be absolute – we can imagine freedom not as the right to violate, but as a way of being together: your freedom enhances mine. Love becomes central to imagining freedom in this way. We can imagine freedom away from international protocols that try to define and restrict the meanings and practices of freedom. We can imagine what lives devoted to pursuing and experiencing freedom and love would be like.*"

da ficção especulativa que dialoga com a proposta de Le Guin, ao declarar que "a ficção científica pode ser vista como um campo muito menos rígido e estreito, não necessariamente profético ou apocalíptico e, na verdade, menos um gênero mitológico, e mais realista. É um realismo estranho, mas vivemos em uma realidade estranha" (2021).

Como resume Halberstam, em sua leitura de "O fantástico Sr. Raposo" (Wes Anderson, 2009), a rebelde forma *queer* nos ensina a "acreditar em rabos destacáveis, maçãs falsas, refeição em conjunto, adaptar-se à luz, arriscar, filhos efeminados e a importância de simplesmente sobreviver para todas as almas selvagens que os fazendeiros, os professores, os pregadores e os políticos gostariam de enterrar vivas" (2020, p. 244). Esses filmes reconhecem que o presente é, para o bem e para o mal, o babado que nos resta e, portanto, precisamos encontrar em suas fissuras novos modos de viver e resistir.

Considerações finais

Como afirma Gayle Rubin, nada faz com que um texto acadêmico corra risco de se tornar datado mais rapidamente do que a referência a eventos da atualidade. Mas, assim como declara a autora, "eu acredito vigorosamente que nós devemos utilizar todas as ferramentas intelectuais ao nosso alcance para refletir sobre o presente, então eu vivo com as consequências" (Rubin, 2011, p. 29, tradução nossa).[9] Em uma filiação direta com o trabalho da antropóloga, mantive toda a pesquisa bastante fixada no presente, relacionando diretamente a leitura dos filmes com eventos contemporâneos. Como é notável no trabalho de André Antônio Barbosa (2017), essa produção *queer* que não corresponde a certos valores estéticos e políticos ainda sofre com o descaso de pesquisadores, críticos e cinéfilos. Faço, então, um registro da contemporaneidade que permeia essas constelações para a posteridade. Muito em breve, o presente será diferente do que foi abordado ao longo

[9] Do original: "*Yet I feel strongly that we should use all the intellectual tools we possess to think about the present, so I live with the consequences.*"

de minha pesquisa. Não obstante, como reconhece a própria Rubin, ao revisitar seus artigos do passado, mesmo um texto datado preserva algumas atualidades insistentes. Em um momento histórico, quando existe uma perseguição ao tipo de sensibilidade contemplada nos filmes por mim trabalhados, considero fundamental que se compreenda tal produção dentro do contexto político-social em que está inserida.

Para além dessa relação irrestrita com o presente, defendo que o trajeto de pesquisa se alinha com o postulado por Kirk Fiereck, Neville Hoad e Danai S. Mupotsa, ao formular um consuetudinário *queer* (*queer customary*): uma complexidade temporal que contempla a ancestralidade, o presente e convites à futuridade (2020, p. 364). Como afirma Munõz (2019), *queers* foram expulsos do ritmado tempo heterossexual (*straight*) e construíram outras configurações de temporalidade. Ao mesmo tempo em que esses filmes estão extremamente enraizados no Brasil da década de 2010, eles estão também vinculados a uma herança *queer* ancestral, e projetam possibilidades de um cinema *queer* que está por vir. Seguindo as propostas de Muñoz, esses filmes criam um regime temporal que permite reconhecer o futuro no presente (2019, p. 56), imaginando liberdade através da representação de mundos *queer* que já existem, a despeito das burocracias do tempo heterossexual.

Contemplando essas diferentes manifestações em diferentes mídias do audiovisual brasileiro recente, especulo que o horizonte em que o cinema *queer* e a ficção especulativa se interseccionam segue aberto para ricas possibilidades. Minhas pesquisas se configuram como um primeiro esforço tentacular de colocar em evidência essa prolífica produção, ainda pouco estudada e valorizada por teóricos da área. Escrevo em um gesto de fabulação, aspirando uma futuridade não muito distante, em que essas palavras sirvam como ponto de partida para muitas outras derivas.

Referências

A BESTA Pop. Direção: Artur Tadaiesky, Fillipe Rodrigues, Rafael B. Silva. Produção: João Luciano, Tamires Cecim, Jorane Castro. Belém: Inovador Talvez Filmes, Cabocla Filmes, Visionária Filmes, 2018. Digital (81 minutos). Disponível em: https://vimeo.com/270668622. Acesso em: 25 set. 2024.

ALMEIDA, Rodrigo. O fim do mundo como conhecemos. In: ALMEIDA, R.; MOURA, L. F. (Orgs.). **Brasil distópico**. Rio de Janeiro: Ponte Produções, 2017.

BARBOSA, André Antônio. **Constelações da frivolidade no cinema brasileiro contemporâneo**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. **MORUS–Utopia e Renascimento**, v. 2, p. 4-10, 2005.

DESPENTES, Virginie. Prefácio. In: PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

FIERECK, Kirk; HOAD, Neville; MUPOTSA, Danai S. A queering-to-come. **GLQ**: A Journal of Lesbian and Gay Studies, v. 26, n. 3, 2020. p. 363-376.

FOSTER, Lila. Eu, curadora, manejando efemeridades. **Cine Festivais**, 2020. Disponível em: https://cinefestivais.com.br/eu-curadora-manejando-efemeridades/. Acesso em: 28 set. 2024.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HARAWAY, Donna. Isso parte meu coração: entrevista com Donna Haraway. **Revista DR**, 2018. Disponível em: http://revistadr.com.br/posts/isso-parte-meu-coracao/. Acesso em: 28 set. 2024.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble**: Making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

MACHARIA, Keguro. Political Vernaculars: Freedom and Love. **The New Inquiry**, 14 março 2016. Disponível em: https://thenewinquiry.com/political-vernaculars-freedom-and-love/. Acesso em: 29 out. 2024.

MARQUES, Henrique Rodrigues. A bicha flâneur e a cidade do futuro: utopia queer em "A seita". **Revista V!RUS**, v. 1, n. 23, 2021. Disponível em: https://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/99. Acesso em: 25 jun. 2025.

MARQUES, Henrique Rodrigues. A natureza indomável do desejo: a infância queer em As boas maneiras (2017). **Imagofagia**, *[S. l.]*, n. 24, p. 192–216, 2021. Disponível em: https://imagofagia.asaeca.org/index.php/imagofagia/article/view/823. Acesso em: 25 jun. 2025.

MARQUES, Henrique Rodrigues. Constelaciones en líneas de fuga: El cine queer de ficción especulativa en el contexto activista brasileño. **La Cifra Impar. Revista de estudios de audiovisuales**, *[S. l.]*, n. 1, p. 88–117, 2022. DOI: 10.58180/lci.1.2022.17. Disponível em: https://lacifraimparrevista.ucine.net/index.php/principal/article/view/17. Acesso em: 25 jun. 2025.

MARQUES, Henrique Rodrigues. Gosto de sangue: horror gótico e desejos monstruosos no cinema queer brasileiro contemporâneo. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, v. 12, n. 24, p. 310–330, 2022. DOI: 10.35699/2237-5864.2022.36150. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/36150. Acesso em: 25 jun. 2025.

MUÑOZ, José Esteban. **Cruising utopia**. New York: NYU Press, 2019.

NASCIMENTO, Tatiana. **07 notas sobre o apocalipse ou poemas para o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Garupa, 2019.

NELSON, Maggie. **Argonautas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, n. 25, 2005. p. 217-248.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REIS, Uirá dos. **Magma obtuso**. Fortaleza: SuburbanaCo, 2019.

RODRIGUES, Mateus; OLIVEIRA, Elida. Enem 2019 não terá foco em questões 'ideológicas', diz ministro da Educação. **G1**. Online, 10 out. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/10/10/enem-nao-tera-foco-em-questoes-ideologicas-diz-ministro-da-educacao.ghtml. Acesso em: 28 abr. 2024.

RUBIN, Gayle. **Deviations**: A Gayle Rubin Reader. Durham: Duke University Press, 2011.

Recebido em: 25 de março de 2025.
Aceito em: 27 de maio de 2025.